

Diversidade no ensino de relações públicas: uma análise da interdiscursividade na prática docente¹

Kalliandra Quevedo CONRAD²

Maria Aparecida FERRARI³

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Os resultados aqui apresentados são um recorte da trajetória desenvolvida em pesquisa pós-doutoral na USP, com o tema diversidade no ensino de relações públicas. O estudo buscou mapear os sentidos de diversidade na prática docente a partir de entrevistas em profundidade realizadas com mulheres docentes das cinco regiões do Brasil. As transcrições foram analisadas à luz da abordagem teórica-metodológica da Análise do Discurso Crítica. Como resultados, identificamos que as docentes buscam desestabilizar as práticas sociais hegemônicas no ensino construindo iniciativas particulares. Além disso, reconhecem as disputas de sentido sobre o significado de se “fazer ciência” dentro da Universidade e, encontram, no que chamamos aqui de “uma nova postura epistemológica”, um lugar de resistência para promover a diversidade no ensino de Relações Públicas.

Palavras-chave: diversidade; relações públicas; ensino; produção de sentidos.

Corpo do trabalho

Este estudo parte da premissa de que a diversidade no ensino não pode ser vista apenas como um tema da moda ou uma necessidade do mercado ao qual os cursos de Relações Públicas devem se adequar. Problematicar a diversidade no ensino é uma forma de pensar em movimentos teóricos pela decolonização do conhecimento produzido nas Universidades, no sentido de romper com a visão eurocêntrica, branca e colonial existente. Por isso, reconhecemos que a diversidade não é homogênea. Há

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação Intercultural, Interseccionalidade e Governança, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Docente do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: kconrad@professores.utfpr.edu.br

³ Docente dos programas de graduação e pós-graduação da ECA/USP. E-mail: maferrari@usp.br

uma relação de poder complexa engendrada por marcadores de raça, classe e gênero (entre outros) (Collins, Bilge, 2021) que passam a compor a diversidade como uma ferramenta para compreender as relações entre públicos e organizações, como prevê a essência da atividade de relações públicas. Em razão disso, a hipótese que norteou a pesquisa aqui compartilhada baseou-se no valor das relações públicas para a sociedade, na perspectiva de Holtzhausen (2016) de que os profissionais, na contemporaneidade, devem atuar como ativistas organizacionais. Além disso, o propósito da pesquisa foi inspirado no projeto 50/50 (Petermann, 2022, p. 11), cujo objetivo é “transformar o ensino para transformar o mercado”.

Diante disso, nosso objetivo é analisar como a diversidade é pautada na prática docente e de que modo tem sido incorporada no ensino de relações públicas. Em termos metodológicos, a pesquisa se caracteriza como qualitativa e está dividida em três etapas principais: 1) a pesquisa bibliográfica; 2) a definição da amostra e da técnica de coleta de dados; e 3) a análise.

A primeira etapa buscou refletir, de forma crítica, sobre a diversidade no contexto das relações públicas, direcionando o olhar para o ensino (hooks, 2020; Collins, Bilge, 2021; Pérsigo, Athaydes, 2022; Evangelista, Lira, 2023). Na segunda etapa, a amostra foi definida em cinco entrevistas em profundidade (Gil, 2021), realizadas com mulheres docentes de cursos de relações públicas de universidades federais, uma de cada região do Brasil. Embora a amostra tenha sido não probabilística e por conveniência, as entrevistadas compuseram um perfil de diferentes raças e regiões, cujo ponto em comum foram as experiências relacionadas ao gênero feminino. As entrevistas foram realizadas de forma *online*, pela plataforma *Google Meet*, e tiveram duração média de uma hora.

Na terceira e última etapa realizou-se a Análise do Discurso Crítica (ADC) das entrevistas, com base em Fairclough (2016). A escolha pela ADC foi motivada pelo entendimento de que as docentes dos cursos de Relações Públicas são capazes de (re)produzir discursos que universalizam determinadas perspectivas de mundo, incluindo aquelas relacionadas aos marcadores de diferença (idade, raça, sexualidade, classe, entre tantos outros). Pelo poder de seus discursos, configuram-se como importantes elementos no palco da luta hegemônica, cristalizando posições que podem ser tanto inclusivas quanto preconceituosas.

Diante disso, o tema da diversidade envolve, portanto, relações de poder desiguais, as quais se materializam em práticas sociais manifestas por meio da linguagem. Essa abordagem teórico-metodológica também foi escolhida por se afinar com o interesse em analisar as mudanças discursivas - e as possíveis mudanças sociais daí decorrentes - sobre os sentidos de diversidade no ensino de RP. Consideramos a dimensão da linguagem como algo fundamental nas práticas sociais e discursivas das docentes e, por meio dela, esperamos mapear os sentidos que estruturam, mantêm ou transformam as relações sociais envolvendo questões de desigualdade no ensino.

Para empreender a análise, a categoria interdiscursividade foi selecionada (Fairclough, 2016). Essa categoria nos auxilia a responder o problema inicialmente proposto por meio da investigação de “discursos articulados em textos e suas conexões com lutas hegemônicas mais amplas” (Ramalho, Resende, 2011, p. 142). Para isso, a partir das reflexões suscitadas em resposta ao primeiro objetivo desta pesquisa (Conrad, Ferrari, 2022; Ferrari, Conrad e Restrepo, 2023), considera-se o conceito operacional de diversidade como um arranjo social, cultural e político constituído por relações de alteridade e por contextos de dominação e desigualdades. A diversidade, nesse sentido, considera as identidades dos sujeitos mas a situa em uma conjuntura mais ampla, em que relações interseccionais de poder se fazem presentes.

Ao identificar as formações discursivas nas falas das entrevistadas, as conectamos a discursos sociais mais amplos, relacionados à diversidade no ensino. Isso porque, “A interdiscursividade é, em princípio, uma categoria representacional, ligada a maneiras particulares de representar aspectos do mundo” (Ramalho, Resende, 2011, p. 142). Observou-se que as docentes entrevistadas significam a diversidade no ensino sob uma perspectiva que o problematiza, desnaturalizando desigualdades estruturais. Isso foi evidenciado em núcleos de sentido que se associavam a práticas sociais inclusivas, de acolhimento das/dos estudantes, de escuta e de compreensão de suas dificuldades, configurando uma “pedagogia engajada” (hooks, 2020). “A pedagogia engajada enfatiza a participação mútua, porque é o movimento de ideias, trocadas entre todas as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula” (hooks,

2020, p. 49). Esse posicionamento é relevante pois as docentes ocupam o lugar de uma “elite simbólica” (Dijk, 2015, p. 23), um lugar de poder que organiza, define, orienta e seleciona o quê e de que modo o conhecimento será produzido no contexto acadêmico.

Em síntese, por meio da análise da interdiscursividade, pode-se afirmar que as práticas docentes para romper ou desconstruir as desigualdades no ensino superior se manifestam em práticas ideológicas de empoderamento (Berth, 2019). Tais práticas são representadas por discursos que buscam romper com relações de opressão e dominação na educação superior, expressas, nas falas das entrevistadas, pelas ações em prol da diversidade. Os usos da linguagem indicaram que a atuação docente contrasta com a ideologia dominante das Universidades que, apesar de pretender ser um espaço democrático, plural e inclusivo para produção de conhecimento, ainda prevalece sob a lógica meritocrática, capitalista, racista, capacitista e sexista. As docentes, portanto, buscam desestabilizar essas práticas sociais hegemônicas construindo iniciativas particulares, movimento expresso pelo uso do pronome em primeira pessoa para relatar os modos como lidam com os contextos e situações de desigualdade em sala de aula. Além disso, reconhecem as disputas de sentido sobre o significado de se “fazer ciência” dentro da Universidade e, encontram, no que chamamos nesta pesquisa de “uma nova postura epistemológica”, um lugar de resistência para promover a diversidade no ensino de Relações Públicas.

Referências

BERTH, Joice. Empoderamento. São Paulo: Pólen, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONRAD, Kalliandra Quevedo e FERRARI, Maria Aparecida. Repensando las Relaciones Públicas desde una perspectiva feminista y decolonial. 2022, Anais.. Buenos Aires: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2022.

Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003167365.pdf>.
Acesso em: 13 fev. 2026.

DIJK, Teun A. van. Discurso e poder. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. 2a ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FERRARI, Maria Aparecida; CONRAD, Kalliandra Quevedo; RESTREPO, Sandra Milena Ortega. Reflexões sobre relações interseccionais de poder nas trajetórias de mulheres relações-públicas no Brasil. *Organicom*, São Paulo, Brasil, v. 20, n. 41, p. 84–104, 2023. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2023.207469. Disponível em: <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/207469> Acesso em: 8 mar. 2026.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7a ed. São Paulo: Atlas, 2021.

hook, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

HOLTZHAUSEN, Derina. Public relations as activism: postmodern approaches to theory & practice. New York: Routledge, 2016.

PÉRSIGO, P. M., ATHAYDES, A. S., & Alves, G. G. Os profissionais de relações públicas e comunicação: competências para a diversidade / Public relations and communication professionals: skills for diversity. *Revista Internacional De Relaciones Públicas*, 10(19), 2020, p. 223–246. <https://doi.org/10.5783/revrrpp.v10i19.646>.

PETERMANN, Juliana et. al. Abrindo portas: 50|50 pela equidade de gênero na comunicação. Santa Maria: Facos-UFSM, 2022.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa. Pontes, 2011.